

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e OPOVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Passagem pelas ruas do Centro

Maria José Monte Holanda
dedemonteholanda@yahoo.com.br

Numa manhã de sábado fomos à procura do local indicado para concerto de determinado eletrodoméstico. Certas coisas que só no Centro se encontra. Indo pela avenida Duque de Caxias, um olhar para a Igreja Sagrado Coração de Jesus, onde me impacta sua praça, agora um terminal de linha de ônibus que se dirigem a vários bairros, num movimento incessante. Logo ali, aquele lindo prédio da instituição educacional que serviu a várias gerações anteriores: Colégio Cearense do Sagrado Coração (Marista). Agora, tombado como Patrimônio Histórico e Cultural. Dobramos na avenida Tristão Gonçalves, e ao passar pela praça José de Alencar tomei um susto, esperando ver o antigo reduto de ônibus, vi boa parte tomada por barracas com vendas de roupas e objetos diversos. A praça da Lagoinha, ocupada desordenadamente por ambulantes com vendas heterogêneas. Enfim, pegamos a rua Guilherme Rocha e paramos no endereço que procurávamos.

Quarteirões com casas de venda e concerto de objetos variados. Carros estacionados desordenadamente nas calçadas, levando os pedestres a circularem no asfalto perigosamente. Voltando pela rua Clarindo de Queirós, um quarteirão de estacionamento de motos toma parte da rua. Calçadas maltratadas. Ainda se vê alguns bangalôs com resquícios de antigas e boas moradas; mais na frente um morador de rua com seu específico mobiliário: um velho colchão, trapos amontoados, cadeiras empenadas, o que julga necessário para seu estilo de vida.

O Centro é onde se iniciam as cidades, tem história. Prédios antigos, mal conservados ou não, ar de nostalgia, alegre, barulhento. Nesse dia, fizemos uma passagem revisitando a parte comercial, o movimento constante de transeuntes que são fiéis àquele pedaço, lojas coloridas com objetos diversos, sempre lotadas de efetivos compradores, num vaivém contínuo que mantém, embora um tanto confuso, vida pulsante, intensa. É uma festa! E tem muito mais!

Saúde mental no trabalho: até quando vamos resistir?

Clédina Medeiros
ana.medeiros@abrh-ce.org.br

Vivemos um momento em que o mundo corporativo é cada vez mais cobrado pela oferta de benefícios ligados ao bem-estar e à saúde mental. Algumas empresas aderem por convicção; outras, pela dificuldade de atrair talentos ou pelo receio das implicações legais com a atualização da NR-01, norma regulamentadora que ampliou a responsabilidade das empresas sobre os riscos psicossociais.

Ainda há quem trate o tema como fragilidade de uma geração “mimizenta”. Mas reduzir a discussão a um conflito geracional é simplificar um problema estrutural. Viemos de uma cultura que valorizava jornadas exaustivas, metas inalcançáveis e o “vestir a camisa” a qualquer custo. O desgaste físico e emocional era naturalizado e até admirado.

A pandemia intensificou o debate, mas não o criou. Os riscos psicossociais são resultado de anos de sobrecarga, baixa autonomia, insegurança profissional, relações

conflituosas e falhas de gestão. Ignorar isso não fará o mercado parar, mas pode comprometer sua sustentabilidade.

Não se trata de evitar autuações, mas de garantir ambientes produtivos e saudáveis. Precisamos aprender a integrar experiências, rever práticas e formar lideranças preparadas para essa realidade.

Meta só é batida por quem está em condições de trabalhar. O futuro do mercado não será construído pela negação das mudanças, mas pela capacidade de escuta, adaptação e responsabilidade coletiva. O tempo de tratar saúde mental como diferencial competitivo passou. Agora, é questão de gestão e sobrevivência.

O futuro do trabalho não será construído apenas por tecnologia ou inovação, mas pela maturidade com que lidamos com pessoas. Ignorar os riscos psicossociais pode parecer mais simples no curto prazo, mas qual será o custo dessa escolha daqui a cinco ou dez anos? Estamos preparados para liderar esse novo tempo — ou ainda resistimos a ele?

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Fortaleza, 300 anos: Entre a grife e a memória

João Antonilson Filho
Bacharel em Direito

Fortaleza celebra este ano seu tricentenário. São três séculos de uma história iniciada pela colonização europeia, cuja própria origem ainda suscita debates, como a tese que atribui a descoberta a Vicente Pinzón, colonizador que hoje dá nome ao bairro onde se localiza o antigo Conjunto Santa Terezinha. Consagrada nacional e internacionalmente pela beleza da sua orla, a “Terra da Luz” vende para o mundo a estética da economia do mar. Essa imagem está em todo lugar: em nomes de hotéis, ruas, praças, grifes de roupas e peças publicitárias que exportam o símbolo do jangadeiro como a face da nossa cultura.

No entanto, há um abismo entre o que se vende e o que se vive. Apesar de décadas explorando essa iconografia, o que vemos internamente é o descaso com os agentes que dão vida a esse cenário. Os pescadores e trabalhadores do mar são protagonistas em folhetos e coleções de moda, mas tornam-se invisíveis na formulação de políticas públicas eficientes. Para usar jargões mercadológicos, há um achatamento dessa economia e daqueles que mantêm a cultura viva diariamente.

A pesca é vendável externamente, mas internamente é silenciada. Falta fomento que enalteça a atividade de forma estrutural. O que resta é o esforço hercúleo, braçal e apaixonado de pequenos coletivos que resistem bravamente. É este o legado que Fortaleza deseja? Ser uma cidade que comercializa uma imagem humana sob uma prática neoliberal, onde tudo é enlatado para o consumo global, enquanto a realidade local é negligenciada? As políticas de memória na cidade ainda são de apagamento. Precisamos valorizar iniciativas locais. São elas que garantem o direito a história que a gestão pública ignora.



A pesca é vendável externamente, mas internamente é silenciada. Falta fomento que enalteça a atividade de forma estrutural

CARLUS CAMPOS



O dia em que quis mudar o mundo

Iran Coutinho
Pastor, bacharel em Ciências Econômicas

Depois de um dia exaustivo de trabalho, volto para casa pela rua Liberato Barroso. Nessa hora, fim do expediente, a cidade parece pulsar em outra frequência. A rua está lotada de pedestres — corpos apressados, olhares cansados. Sigo meu caminho observando as pessoas que passam por mim, trabalhadores como eu, retornando para os seus lares.

Mas, talvez pelo cansaço, um espírito crítico se apodera de mim. Começo a julgar pelas aparências. Vejo um sujeito bem vestido — paletó, gravata, sapatos reluzentes — e penso: “Esse aí deve se achar o dono do mundo.” Logo à frente, mendigos estendem as mãos, sentados nas calçadas. Vendedores ambulantes disputam espaço com os pedestres. Tudo isso me irrita. A cidade me parece desorganizada,

barulhenta e exaustiva.

O ápice do incômodo chega quando entro no ônibus, na praça José de Alencar. Lotado. Corpos espremidos, suor, mau cheiro. O ambiente me causa asco. E é ali, naquele aperto sufocante, que algo inesperado acontece.

Começo a olhar para os rostos ao meu redor. Em vez de rejeição, vem a curiosidade. E, pouco a pouco, a crítica dá lugar à imaginação. Quem são essas pessoas? Vejo pais de família que lutam todos os dias pelo sustento dos seus filhos. Mães que, depois de horas de trabalho, ainda têm a jornada do lar. Jovens a caminho do colégio ou da faculdade, sonhando com um futuro melhor. Cada rosto, uma história comprimida naquele coletivo.

Ao observá-los sob uma nova perspectiva, algo extraordinário acontece: o nojo se transforma em amor.

E, de repente, sinto uma vontade de transformar o mundo.

Carta do amor traído

Eduardo Loureiro Jr.
Professor universitário, doutor em Educação

Você, 1º de abril de 2026

Fortaleza amada, Escrevo um pouco antes para que esta carta chegue a tempo do seu aniversário. Escrevo para lhe aperear. Já imagino sua reação ao receber esta carta: *lá vem aquele corno de novo, pensei que tinha morrido.*

Seu céu já não é pleno de paz, se vê cada vez mais fumaça, chaminés, guindastes erguendo prédios, arranhando o que já foi nosso céu apaixonado. Você já não é a mais bonita das cabochas dessa ala nordestina. Quem te viu, quem te vê! Você só dá axés dançantes para os quais não sou convidado. Mas 300 anos são 300 anos e, nos tempos e espaços em que ainda não estou completamente morto e soterrado, é mesmo desconcertante rever você, meu grande amor.

Nosso amigo Raimundo até te chamava “A cidade do Pajeú”. Com o tempo, mais que tu de mim, eu é que passei a ser teu. E, aos poucos, nem isso, comecei a ser esquecido, enterrado vivo. Sei que já sou velho, uns 7.000 anos correndo da aldeia até o mar, mas, até te conhecer, eu tinha sonhos de eternidade. Você chegou, se assentou ao meu lado, depois se deitou, se estendeu, se encaixou em minhas curvas. A eternidade parecia feliz. Como eu iria imaginar que este seria o meu fim: minguado, soterrado, sujo? Todo ano, quando começam as chuvas, eu me animo um pouco, desperto a atenção dos nossos filhos e agregados, que no máximo me conhecem de nome. Enquanto chove sou uma visita indesejada, um bêbado transbordante que desperta mais projetos de soterramento. Algum punhal de amor traído completará o meu destino? Das cicatrizes das montanhas que nos cercam virão a pedra e o cimento que colocarão a placa final sobre o meu corpo em putrefação?

É, estás certa, essa carta está mesmo com um tom de corno inconformado, minha amada. Não era a minha intenção. Nesses 300 anos, te desejo mesmo muitos séculos de vida, mais prédios, mais shoppings, mais usinas, mais asfalto, mais turistas, mais cabos submarinos, mais data centers... Mais, mais, mais, meu amor! Tudo que tanto sonhas. És forte, Fortaleza, hás de conseguir. Ainda terás o m² mais valioso de todo o Brasil. Nunca perdi minha fé em ti.

Com aquela saudade de sempre,

Pajeú